

ANA GIL CAMPOS

AS IMPERTINÊNCIAS
DO CUPIDO

coolbooks

As impertinências do Cupido

Ana Gil Campos

Publicado por:

Coolbooks

www.coolbooks.pt

© 2017, Ana Gil Campos e Porto Editora

Design da capa: NOR267

Imagens da frente da capa: © Shutterstock.com

1.ª edição: maio de 2017

Coolbooks é uma marca registada da

Porto Editora

Email: info@coolbooks.pt

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.

Distribuição **Porto Editora**

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

Execução gráfica **Bloco Gráfico**
Unidade Industrial da Maia.

DEP. LEGAL 425697/17

ISBN 978-989-766-076-4

**Este livro respeita
as regras do Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.**



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Índice

Nota prévia em modo de advertência	9
Jardim interior	11
Chilrear do azulejo	18
A impertinência do Cupido	23
Arranha-céus em Xangai	31
Bagos de uvas verdes	39
Pé de moleque	47
Capivara	57
Sambinha no pão	74
Doce melancolia	81
Bolo de maçã	86
O suco do doido	93
Museu da Casa Brasileira	98
Sob o tronco da árvore	104

Nota prévia em modo de advertência

As impertinências do Cupido decorre no bairro do Itaim Bibi, um bairro nobre de São Paulo. Neste bairro, os pássaros contam boatos de amor de árvore em árvore, as árvores e os arbustos crescem fertilmente entre edifícios que arranham o céu, há samba no corpo e saudade no coração – o desejo de amar antecipa o corpo. Neste bairro, vivem a Daniela e o Francisco, a Mónica, a Patrícia e o Filipe, e muitos outros que amam, não amam, desejam amar e serem amados, isto é, não são muito diferentes de qualquer pessoa que vive em qualquer outro bairro do mundo. Mas este Ensaio sobre as impertinências do Cupido tem um narrador ligeiramente cínico, de um romantismo sarcástico, por vezes humorístico, e as personagens poderão parecer um pouco loucas, mas não é o amor uma espécie de loucura?

Jardim interior

O que se pode dizer quando uma mulher é atraída pelas próprias hormonas? O que pensar quando as hormonas de uma mulher determinam a felicidade de um homem? Antes de aqui chegarmos, passo a contar algumas coisas.

Mónica é uma mulher que tem tudo para ser feliz e para fazer alguém feliz. No entanto, parece que o universo conspira contra si. Ela só deseja uma história de amor como a dos seus amigos Patrícia e Filipe, duas almas-gémeas que se encontraram. Eles são a prova de que o reencontro entre almas-gémeas não é uma lenda, que as almas-gémeas existem, andam por aí, e, sendo assim, porque não lhe acontece o mesmo também? Porque a Mónica está condenada à infelicidade. Todos os seus primos direitos, em segundo e terceiro grau, estão comprometidos, todos os seus colegas de trabalho têm o ofuscante dedo anelar esquerdo a reluzir de felicidade, e até o padre da sua paróquia cometeu o louco ato absolutamente romântico de se divorciar do

amor divino para assumir o seu amor terrestre pela neta do arcebispo. *Se a felicidade parece apresentar-se a todos, porque comigo tem de ser diferente? Porquê?! Será que a felicidade tem alguma aversão para comigo?, interroga-se.*

Tem sérias suspeitas de que voltou a ser virgem. Será isto possível?, questionou-se um dia. Esteve a ler artigos fidedignos na internet que provam a possibilidade da virgindade se restituir passado um tempo considerável de clausura. Com quase toda a certeza, é virgem novamente. *Não é algo necessariamente mau, é como se voltasse a ter o ensejo de viver a minha primeira vez novamente, mas com uma pessoa melhor do que na primeira, pensa Mónica, apesar de, por vezes, ter a veledade de se soltar um pouco mais e de virar as costas de vez ao seu romantismo.*

Mónica já tinha experimentado a técnica de ter uma escova de dentes a mais junto à sua. Tinha lido isto num livro de autoajuda, mas de cada vez que fitava a escova, esta gargalhava na sua cara. Resolveu deitar a escova ao lixo. *Melhor para mim, pensou a Mónica, mais pasta de dentes sobeja.* Também tinha um Santo António na sala, presente dos seus pais que sempre a deixou na dúvida se teria alguma desesperada mensagem subjacente...

Mas lá porque é solteira, não se suponha que vive sozinha. Adotou o seu pequeno cão com muito amor, que é uma excelente companhia. Ainda ponderou adotar um gato, porque os gatos ficam sozinhos em casa com menos carências afetivas, mas, só de pensar na

associação automática que as pessoas fazem entre solteiras e gatos, fugiu desta a ideia a sete pés! Não precisava de dar tanto nas vistas, além de ainda não se ter resignado com isso. *Se o amor chega mais cedo ou mais tarde a todas as pessoas, porque comigo será exceção? É apenas uma questão de oportunidade e de paciência,* apaziguava-se.

Não se pense também que é uma mulher com requisitos esquisitos, que não é. Apenas ainda não tinha tido o fado de encontrar, e de ser encontrada, por alguém que cumprisse cabalmente dois requisitos básicos ao mesmo tempo: a soubesse amar e a quem ela amasse verdadeiramente. Mónica é uma mulher que tem consciência de que a sua inteligência nunca a permitiria cometer a estupidez de estar com um homem que a trate mal, mesmo que subtilmente, ou a faça infeliz. Claro que muito daquilo que sabe hoje adquiriu com a experiência.

Conhece todos os sinais de perigo e, apesar de conceder o benefício da dúvida, quando concebe que se continuar com aquela pessoa será algo que terminará passado algum tempo, preserva-se e passa para o outro lado da rua. Por exemplo, conhece bem os homens que enaltecem a sua racionalidade superior por distinguirem perfeitamente a dissemelhança entre fazer amor e ter sexo, e quando estão com outra mulher não a estão a traír, porque não estão a fazer amor, estão a fazer sexo, coisas bem distintas e que lastimam que ela ainda não tenha maturidade para entender isso, apesar de terem a convicção de que será uma questão

de tempo até ela perceber esta evidente diferença e acabar por os compreender e, quem sabe, até incentivar. Mónica pode estar muito arrebatada por alguém, mas tem a noção de que prefere continuar a ser imatura no que toca a esta questão e que a estupidez tem limites.

Teve um relacionamento com um homem que lhe exibia garbosamente fotografias das antigas namoradas, mostrava mensagens no telemóvel de uma colega de trabalho que tentava assediar o pobre coitado repleto de virilidade, e deixava espalhados por sua casa presentes e bilhetes escritos de antigos relacionamentos amorosos como objetos decorativos. Mónica não sabia como classificar este estilo de decoração de interiores, e, embora percebesse que a sua aparente elevada autoestima não era mais do que um sinal de uma pessoa muito atormentada, e que talvez, com o seu amor, conseguisse mudar estas atitudes, tinha a noção de que até isso acontecer a sua própria autoestima seria atropelada por um camião TIR e ainda lhe cairia um meteorito em cima.

Depois teve um relacionamento com outro homem que, como se a sorte que tinha tido até aqui fosse para poucos, quando tinha crises de ciúmes, completamente infundadas, ora deixava de lhe falar durante dias, ora a elogiava com palavras que poderiam constar num livro escrito por Maquiavel sobre o amor. Com estas avenças e desavenças, a relação entre eles não andava nem para a frente nem para trás, e assim este seu namorado, sem o tencionar ou ter consciência de que o estava a fazer, protelava qualquer compromisso sério entre

ambos. Finalmente, Mónica lembrou-se de que se tinha esquecido de pagar a luz e começou a ver melhor.

Mas chegou a conhecer homens dignos de todo o seu amor. Como sabia serem homens dignos do seu amor? Depois de ter conhecido homens que expiram uma certa toxicidade, granjeou a sensibilidade para reconhecer a pureza e a ingenuidade de alguns homens em pequenas coisas. Como isso era maravilhoso quando acontecia! O mundo voltava a ganhar esperança! Mas quando conhecia homens assim, acontecia sempre uma de três coisas: ou não se apaixonava por eles, porque é algo sobre o qual não tem qualquer poder, a não ser que finja tão bem ao ponto de se enganar a si própria; ou porque já eram comprometidos e apaixonados por outra pessoa; ou porque apesar de se apaixonar verdadeiramente por eles, e eles demonstrarem inicialmente interesse por ela, Mónica, sem perceber como nem porquê, espantava-os sempre.

Não compreendia por que a vida só lhe apresentava obstáculos no campo do amor, quando, felizmente, todas as outras áreas da sua vida pareciam correr tão bem. Ela só aspirava alguém para amar e que merecesse ser amado, não é o que acontece com todas as pessoas que conhece? *Morrerei sozinha, tenho a certeza disso. Só gostaria de encontrar uma pessoa decorosa que quer as mesmas coisas que eu: uma família e um lar tranquilo.* Foi então que conheceu Eduardo, o homem perfeito. Perfeito, perfeito, não é. Não lhe tira os sacos das compras das mãos ajudando-a a carregar o peso – o que lhe causa perplexidade –, não lhe paga um ou outro jantar,

a conta é sempre dividida pelos dois – é uma mulher hodierna, mas também não é preciso descomedir-se –, e raramente a vai buscar e levar a casa – talvez para que Mónica não sinta a sua independência ameaçada, desculpa-o para si própria. Compreende que Eduardo atende a igualdade entre géneros, mas um pouco de romantismo não lhe faria mal.

Desconsiderando isto, Eduardo não é uma pessoa estranha, demonstra a sua admiração por ela, respeita-a, tem sentido de humor, sabe que mais vale um pássaro na mão do que dois a voar e parece ser uma pessoa equilibrada. Contudo, é solteiro há tanto tempo... Isto inquieta-a. Terá algo de errado? É certo que ela própria nunca teve uma relação que se pudesse chamar de duradoura ou que merecesse ser assumida publicamente, parecendo não ter namorado há décadas e décadas, mas com ela é diferente, obviamente, sabe que não tem nada de errado, que é apenas uma pessoa responsável e exigente. Agora Eduardo... é ainda uma incógnita.

Contudo, o olhar e as atitudes dele respiram aquela ingenuidade e pureza dos homens bons. É isto que verdadeiramente importa para ela. Eduardo é um homem bom e quer exatamente as mesmas coisas que ela: uma família e um lar tranquilo. Foi então que chegou o fático dia em que ambos foram atraídos pelas suas hormonas.

Sentados na esplanada do jardim interior da croissteria da Rua Pais de Araújo, numa bela manhã de sol de domingo, rodeados por lindas famílias com carrinhos de bebés e crianças a correrem por todo

o lado, Mónica sorri para o seu próprio pensamento: *finalmente, chegou a minha vez de ser feliz, conheci um homem honesto, que me faz sentir bem, que me respeita e que, pelo que já deu a entender, pretende um futuro sério comigo.* Não poderia estar a atravessar uma fase mais profícua na sua vida amorosa.

– Estou a ficar velho – desabafa Eduardo. – Todas as pessoas que conheço têm filhos... Acreditas que sou o único homem solteiro da minha família?

– Queres a minha companhia apenas para deixares de ser solteiro e para teres filhos?! – pergunta, colérica, vendo nele o solteiro mais desesperado do planeta.

– Claro que não! Só podes estar a brincar. Estás com o período? – ri-se.

– Não, não estou – mente, apesar de estar certa de ficar completamente neurótica durante esta fase do mês, nunca o admitiria perante homem algum.

Mónica repara no espaço esticado até ao limite entre os botões da camisa do Eduardo. *Terá começado a desleixar-se desde que começámos a namorar?! Terá comprado uma camisa com um número abaixo do seu, querendo ficar mais magro à força?*, questiona-se. Repugna-se por lhe ver a pele branca do inverno a querer arrancar a sua própria camisa, até que um dos botões rebenta, faz ricochete no copo de sumo sobre a mesa e vai bater na bochecha de uma criança que desata a chorar. Perante isto, Mónica, com todas as certezas que tem neste momento sobre tudo na vida, diz-lhe a frase introdutória que já determina o final: *temos de falar.*